

América Latina na virada do século XIX para o XX: Martí, Rodó, discursos e debates

Iniciaremos este capítulo com uma breve contextualização histórica da América Latina de fins do século XIX e início do XX nos detendo principalmente nos casos cubano e uruguaio, que servirão de marcos para a apresentação dos discursos de José Martí e José Enrique Rodó. Também trataremos do debate intelectual acerca da superioridade ou inferioridade da “raça latina” frente à “raça anglo-saxônica”, que perpassou o continente americano, em meados do Oitocentos e início do XX. Rever o contexto de produção de Martí e Rodó, bem como suas trajetórias é importante, pois nos auxiliará na compreensão dos discursos de ambos os autores e nos permitirá entender as razões que os levaram a produzir discursos que abarcavam toda a América Latina, e não se limitavam apenas aos seus países. Nesse sentido é nosso objetivo fazer uma análise comparada entre o pensamento de Martí e o de Rodó, a partir de alguns de seus escritos, e identificar as inovações que ambos efetuaram no vocabulário político da época.

Em fins do século XIX as representações latino-americanas a respeito da Europa e dos Estados Unidos se viram redefinidas. Tanto questões de dentro como de fora proporcionaram um ambiente de fecundas discussões intelectuais e, concomitantemente, permitiram a produção de novas antinomias. O progresso que os Estados Unidos vinham demonstrando no continente, sobretudo após a Guerra de Secessão (1861-1865), e a sua subsequente política expansionista contribuíam para que a influência norte-americana fosse percebida cada vez com mais desconfiança.

Nesse contexto surgiram várias obras que procuraram refletir acerca das possibilidades de desenvolvimento da América Latina, num momento em que seu futuro parecia incerto, e sua identidade ficava ameaçada tanto pelas novidades representadas pelo crescimento do “colosso do norte”, quanto pelas consequências

do processo de modernização que vários países no continente latino-americano estavam experimentando.

O cubano José Martí (1853-1895) e o uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), contemporâneos atentos das transformações pelas quais a América Latina passava, refletiram criticamente acerca deste momento e procuraram definir uma identidade própria para o continente. Cada autor provinha de realidades muito distintas, mas apesar disso podemos encontrar semelhanças surpreendentes entre algumas de suas proposições.

Ambos influenciaram significativamente a intelectualidade hispano-americana em fins do século XIX e início do XX. Foram escritores notórios, ainda em vida, e seus nomes atravessaram fronteiras tornando-os conhecidos em todo o continente. Também participaram ativamente da vida política de seus países. Mas, escreveram seus discursos em nome da América, não se restringindo apenas aos problemas de suas próprias nações. A forma que usaram para se expressar abrangendo o continente americano e excluindo os Estados Unidos, guardou íntima relação com o contexto político, social e econômico em rápida transformação da virada do século.

Nessa perspectiva, é nosso interesse, a partir da comparação entre os dois intelectuais, compreender as razões que motivaram tanto Martí quanto Rodó a estruturarem seus discursos para tratar do conjunto da América Latina. Notamos que Martí não falou de “Nuestra Cuba” e sim de “Nuestra America”, Rodó tampouco conclamou a “juventud uruguaya”, mas sim a “juventud de America”. Presumimos que isso não está ligado apenas a termos designativos, mas está relacionado a anseios e temores envolvendo suas nações.

A necessidade de se expressar de maneira mais abrangente, abarcando variadas nações do continente, mas que possuíssem aspectos comuns, naquele momento fazia-se importante. Acreditamos que os discursos de tais autores podem ser percebidos, de certa forma, como divisores de águas no tocante a maneira como foi pensada a América Latina.

1.1. Martí e a independência cubana

José Julián Martí y Pérez, um dos maiores defensores da independência cubana, nasceu em Havana, filho dos espanhóis Mariano Martí e Leonor Pérez.

Embora fosse oriundo de uma família modesta, Martí teve a possibilidade de seguir seus estudos devido à sua notável qualidade como estudante que impressionara Rafael María Mendive, responsável pelo custeio dos seus estudos no Instituto de Segunda Enseñanza de La Habana.

Martí viveu em um período em que Cuba e Porto Rico ainda eram possessões coloniais da Espanha. Presenciou algumas tentativas malogradas de independência da ilha, como a Guerra de Los Diez Años (1868-1878) e devido ao seu envolvimento na luta foi preso por dois anos. Em 1871, teve a pena comutada para o desterro na Espanha. Nesse mesmo ano, com apenas 18 anos de idade, publicou em Madri *El Presidio Político en Cuba*.

Durante sua estadia na Espanha, trabalhou como professor e completou seus estudos, licenciando-se em Direito, Filosofia e Letras. Em 1873 publicou o opúsculo *La Revolución Española ante la Revolución Cubana*. Um ano depois foi para a França, onde conheceu os poetas Augusto Vacquerie e Victor Hugo. Logo seguiu para o México, iniciando amizade com Manuel Mercado que lhe abriu espaço para ingressar no jornalismo, lá começou a trabalhar na *Revista Universal de Literatura, Política y Comercio*, publicando versos, crônicas e artigos.¹

Entre os anos de 1875 e 1881 Martí viveu um período na Guatemala e outro na Venezuela. Nessa época, em função das inúmeras publicações em jornais e revistas latino-americanas, seu nome estava se tornando bastante conhecido no continente. Durante a estadia no México, manteve relações estreitas com intelectuais mexicanos, participando da vida política do país e se envolvendo com alguns movimentos operários. Porém, deixou o México quando teve início a ditadura porfirista. Regressou a Cuba em 1878 e trabalhou como assistente em um escritório de advocacia. No ano seguinte, quando foi constituído o *Club Central Revolucionário de La Habana*, Martí foi seu vice-presidente. Não demorou muito e viu-se novamente desterrado em função do seu envolvimento em novas atividades conspiratórias, na chamada “Guerra Chiquita” (1878-1880).

Em 1880 passou por Nova York, Caracas, e regressou aos Estados Unidos, lá permanecendo até 1895. Sobretudo a partir de 1892, iniciou viagens pela América Central² com o intuito de organizar uma nova guerra pela independência.

¹ Também publicou em jornais como *El Federalista*, *El Socialista*, *El Eco de Ambos Mundos*.

² Martí viajou para o Haiti, São Domingos, Jamaica, Panamá, Costa Rica e México.

Manteve relações com os generais Máximo Gómez³ e Antonio Maceo,⁴ que haviam lutado na Guerra dos Dez Anos contra a Espanha.

No período em que permaneceu nos Estados Unidos, Martí escreveu críticas sobre arte e literatura em jornais como *The Sun* e *The Hour*. No entanto, foi devido às várias colaborações em jornais de língua espanhola que se tornou muito conhecido na América Latina.⁵ Em fins da década de 1880 a fama de Martí já percorria o continente. Ganhando admiração de escritores como Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) e Rubén Darío (1867-1916). Foi nomeado Cônsul do Uruguai, Argentina e Paraguai em Nova York, e presidente da *Sociedade Literária Hispano-Americana*. Todavia, pouco depois renunciou aos consulados e à presidência da Sociedade para se dedicar à luta revolucionária.⁶

Em 1892 foram aprovadas as *Bases do Partido Revolucionário Cubano* e Martí continuou trabalhando em sua organização. A guerra de independência teve início em fevereiro de 1895 espalhou-se por diversas regiões da ilha. Em 19 de maio do mesmo ano, o grupo no qual estava Martí foi surpreendido pela tropa espanhola e ele pereceu no confronto.

1.1.1. Cuba antes e depois da guerra de independência

A guerra que se estenderia ainda por mais três anos, após a morte de Martí, acabou tendo um infeliz desfecho: embora a sonhada independência da metrópole ibérica houvesse se concretizado, a “Cuba Libre” não foi possível devido à ingerência estadunidense. Se a partir de 1898 os Estados Unidos entraram efetivamente na guerra, o seu interesse na região existia bem antes disso. Desde o

³ Máximo Gómez (1836-1906) nasceu em Santo Domingo, lutou na primeira guerra de independência cubana ao lado dos rebeldes. Destacou-se nas operações, ascendendo ao posto de general. No início da década de 1890, alia-se novamente a Martí e a Antonio Maceo para organizar a guerra de independência cubana em 1895, na qual atuou como general dos “rebeldes do ocidente”. Após 1896, teve que assumir sozinho a direção da guerra até a intervenção dos Estados Unidos em 1898. Posteriormente entrou em conflito com os novos dirigentes de Cuba e com a ingerência norte-americana, se demitindo do comando do exército.

⁴ Antonio Maceo (1848-1896) nasceu em Cuba, conhecido também como “el Titán de Bronce”, é visto como um herói da independência. A partir de 1868, ainda bem jovem, participou da insurreição lutando ao lado de Máximo Gómez. Destacando-se por suas atitudes militares, logo ascendeu ao cargo de “mayor general”. Negou-se a aceitar o Pacto de Zanjón, e liderou o “protesto de Baraguá” exilando-se depois na Jamaica. Em 1890, promoveu um novo levantamento que foi abortado. Em 1895, assumiu o comando dos “rebeldes do oriente” na luta pela independência cubana, e obteve muitas vitórias sobre o exército espanhol, mas em 1896 morreu em combate.

⁵ Colaborou em jornais como *La Nación* de Buenos Aires, *El Partido Liberal* do México, *La Opinión Nacional* de Caracas e *Opinión Pública* de Montevidéu.

⁶ Luis NAVARRO GARCÍA. *La Independencia de Cuba*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

fim do século XVIII, Cuba e Porto Rico eram considerados pontos estratégicos por políticos norte-americanos como Thomas Jefferson (1743-1826), James Monroe (1758-1831) e John Quincy Adams (1767-1848). Durante boa parte da primeira metade do século XIX discutiu-se no Congresso a possibilidade de anexação de Cuba e outras ilhas caribenhas aos Estados Unidos, como regiões que alimentariam a escravidão nos estados do sul.

Em 1895, ano em que explodiu mais uma revolta na ilha, surgiu o pretexto para os Estados Unidos entrarem na guerra contra a Espanha, ao lado dos cubanos.⁷ Os norte-americanos viram no pedido de apoio cubano à sua luta pela independência, a oportunidade de iniciarem a conquista do Caribe. O então presidente dos Estados Unidos, Willian Mckinley (1843-1901), com o aval do Congresso, reconheceu como legítima a causa cubana e enviou para a ilha o navio *Maine*, no intuito de “proteger os cidadãos e as propriedades norte-americanas”. Em 1898 uma explosão afundou este navio – as razões do ocorrido permanecem ainda hoje obscuras. Diante disso, os Estados Unidos acusaram a Espanha de ter provocado a explosão, não obstante esta ter se empenhado ao máximo para socorrer as vítimas do incidente e apurar as suas causas, e entraram na guerra vencendo os espanhóis sem maiores dificuldades.⁸

Com a derrota da Espanha, os Estados Unidos transformaram Porto Rico em um protetorado e procuraram impor sua vontade a Cuba e às Filipinas, além de incorporar as ilhas de Guam e Havaí no Oceano Pacífico. Com efeito, os Estados Unidos puderam controlar o comércio marítimo e colocar bases militares na Ásia e no Pacífico. No Caribe foram instituídas “zonas de segurança” nas bases de Roosevelt em Porto Rico e Guantánamo, em Cuba.⁹ Nesta última os Estados Unidos forçaram a nova nação a colocar em sua Constituição uma emenda – que ficou conhecida como *Emenda Platt* –, que lhes autorizaram a intervenção na ilha sempre que “a ordem e a estabilidade do país fosse ameaçada”.

Antes da guerra pela independência Martí já demonstrara uma certa desconfiança no que referia à postura dos Estados Unidos em relação à Cuba e ao

⁷ Os Estados Unidos no final do século XIX retomaram a doutrina Monroe, surgida em 1823. O “corolário monroísmo” como ficou conhecida a política imperialista norte-americana no Caribe em fins do Oitocentos, tornara-se mais agressiva. Após a guerra de independência cubana os Estados Unidos passaram a intervir de forma direta nessa região.

⁸ Para uma maior análise ver: Mary Anne JUNQUEIRA. *Estados Unidos. A Consolidação da Nação*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

⁹ Marco Antonio PAMPLONA. *Reverendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Editora Atual, 1995. p. 29.

resto da América. Desde a convocação para a Conferência Pan-americana (1889)¹⁰ o escritor cubano, em seus artigos, deixara claro que a América deveria olhar com cautela o convite dos Estados Unidos. O seu argumento era o de que este vizinho nunca havia voltado suas atenções para os países hispano-americanos, a não ser para apoderar-se de seu território. O autor ilustrava tal posição indicando como exemplo o que ocorrera com o México, a Nicarágua, São Domingos e Haiti. Sendo assim, para Martí o interesse dos Estados Unidos, ao convocar os povos da América Latina para aquele Congresso, era na realidade poder escoar sua produção e confederar para melhor dominar.¹¹

Martí ainda alertava sobre a conferência monetária, também de iniciativa estadunidense, que tinha em vista “la adopción por cada uno de los gobiernos de una moneda común de plata, que sea de uso forzoso en las transacciones comerciales recíprocas de los ciudadanos de todos los Estados de América”.¹² De acordo com o autor, era fundamental uma análise mais detida acerca das propostas norte-americanas. A união entre países com interesses tão distintos poderia levar a conflitos. Portanto, era necessário buscar as razões por trás do interesse de unidade monetária com as repúblicas latino-americanas, uma vez que o real era o que importava e não o aparente.¹³

Nessa perspectiva, Martí relembra a “trajetória” prévia dos Estados Unidos no continente chamando a atenção para a forma como aquele país de fato percebia a América Hispânica denunciando as conquistas ao longo do século XIX, e o desdém com que haviam tratado seu povo em função da convicção, que possuíam da superioridade da “raça” anglo-saxônica em relação à latina. Para Martí, enquanto os Estados Unidos não conhecessem e respeitassem a “nuestra” América não seria conveniente uma união política e econômica.

Dessa maneira, o escritor cubano, atento às questões que perpassavam esta época, em vários momentos denunciava os perigos que cercavam o continente, principalmente os que envolviam o vizinho ambicioso que a partir da década de 1880, procurou, insistentemente, novos meios de aproximação da América Latina.

¹⁰ À convite do governo norte-americano se reuniu em Washington de outubro de 1889 a abril de 1890 a Conferência Internacional Americana. Alguns meses antes essa conferência já vinha sendo chamada pela imprensa de *Pan América*.

¹¹ José MARTÍ. “Congreso Internacional de Washington. Su historia, sus elementos y sus tendencias”, Nueva York, 2 de noviembre de 1889. In: José MARTÍ. *Textos de Combate*. México: Universidad Autónoma de México, 1980, p. 83.

¹² José MARTÍ. “La Conferencia Monetaria de Las Republicas de America”. Idem, p. 140.

¹³ *Ibid.* p. 141.

1.1.2. Repercussões da guerra de independência e escritos de Martí

Martí, como vimos, morreu no início da luta pela independência, em 1895, e não pôde ver os desdobramentos efetivos desse processo expansionista. Entretanto, conforme podemos notar, muitos de seus temores se concretizaram. Sua perspicácia ao observar a nova realidade na qual Cuba e a América Latina estavam inseridas pode ser percebida nos vários artigos que escreveu desde finais da década de 1880. Alguns surpreendem pelo tom profético, ao chamar a atenção para a potência imperialista que despontava no continente. Por ocasião do convite dos Estados Unidos ao Congresso Pan-americano de 1889 Martí afirmou:

Jamás hubo en América, de la independencia acá, asunto que requiera más sensatez, ni obligue a más vigilancia, ni pida examen más claro y minucioso, que el convite que los Estados Unidos potentes, repletos de productos invendibles, y determinados a extender sus dominios en América, hacen a las naciones americanas de menos poder, ligadas por el comercio libre y útil con los pueblos europeos, para ajustar una liga contra Europa y cerrar tratos con el resto del mundo.¹⁴

O autor ressalta ainda que após os processos de independência os hispano-americanos acreditaram ter se libertado do domínio colonial, mas ao observarem atentos os precedentes, causas e fatores do convite norte-americano, “urge decir porque es la verdad, que ha llegado para la América española la hora de declarar su segunda independencia”.¹⁵

Antes mesmo da convocatória para o congresso, Martí já havia alertado para a ameaça que os Estados Unidos representavam à liberdade efetiva de Cuba. Podemos observar isso na resposta que o escritor deu às críticas de um jornal norte-americano aos cubanos. Expliquemos: no dia 16 de março de 1889 o jornal *The Manufacturer*, da Filadélfia, por meio do artigo “¿Queremos a Cuba?” fizera duras críticas aos cubanos, no momento em que estes faziam uma trégua na guerra de independência. Cinco dias depois, o jornal *Evening Post*, de Nova York, na

¹⁴ *Ibid.* p. 82.

¹⁵ *Ibid.* p. 82-83.

época dirigido por Edwin Lawrence Godkin,¹⁶ reproduzira o mesmo artigo, com o nome “Una opinión proteccionista sobre la anexión de cuba” corroborando as posições defendidas pelo *The Manufacturer*.

O artigo inicia ressaltando uma discussão, que vigorava na época, acerca da possibilidade do governo dos Estados Unidos comprarem Cuba da Espanha. Nessa direção, destacou alguns pontos, aparentemente positivos de tal aquisição, como por exemplo, a posição estratégica da ilha, a produção agrícola, as belezas naturais, a proximidade da Flórida entre outros. Mas, pouco depois, a sua linha de argumentação se transformou em críticas contundentes, e em oposição vigorosa à anexação de Cuba.

A partir disso, questionou os resultados da incorporação à sociedade norte-americana de uma população como a cubana, formada, segundo o artigo do *The Manufacturer*, por basicamente três classes: espanhóis, cubanos descendentes de espanhóis e negros. Os primeiros são descritos como os menos preparados do que qualquer outra raça branca para se tornarem cidadãos americanos, já que têm governado Cuba por séculos com os mesmos métodos de sempre, que aliavam o “fanatismo” à “tirania” e a “arrogância fanfarrona” à “corrupção”. Já aos cubanos eram atribuídas uma série de características ultrajantes, pois além de herdarem os defeitos da “raça” espanhola eram vistos como: preguiçosos, afeminados, avessos a qualquer esforço, incapazes, tanto pela natureza quanto pela experiência, de cumprir com as obrigações da cidadania em uma república livre, além do que, as suas “tentativas de rebelión han sido tan lastimosamente ineficaces que se levantan poco de la dignidad de una farsa”.¹⁷ Os negros eram percebidos como expressão de um imutável estado de barbárie.

Após tais considerações o artigo sugeria que a única esperança de capacitar Cuba para a obtenção de uma “dignidade de Estado” estaria na sua americanização completa, na introdução de povos estadunidenses, em larga escala na ilha. Todavia, isso não significava que tal sociedade alcançaria o nível da norte-americana, já que a nova população também poderia se degenerar, dadas as condições de Cuba. O artigo “¿Queremos a Cuba?” encerrava advertindo que:

¹⁶ Edwin Lawrence Godkin (1831-1902) foi um jornalista irlandês que emigrou para os Estados Unidos em 1856. Fundou o *The Nation* em Nova York em 1865. Em 1881, saiu do *The Nation* para o jornal *New York Evening Post*, no qual atuou como editor-chefe entre 1883 até 1899.

¹⁷ Este artigo, juntamente com o “Vindicación de Cuba” pode ser encontrado no site http://jose-marti.org/jose_marti/historia/anexionismo/manufacturer/manufacturer1.htm (acessado 9 de junho de 2011).

“estos son hechos que merecen cuidadosa atención antes de que se consume [algún] proyecto para la adquisición de la Isla. Podríamos hacernos de Cuba a un precio muy bajo, y pagarla todavía cara”.¹⁸

Martí, em réplica às críticas, escreveria em 25 de março o artigo “Vindicação de Cuba”. No intuito de combater tais afirmativas, Martí iniciava justificando que o fato de alguns cubanos desejarem a anexação aos Estados Unidos não significava que isso era anseio de todos. Ao contrário do que o jornal divulgava, havia muitos cubanos lutando e perdendo suas vidas e seus bens para libertarem Cuba do domínio espanhol. Nesse sentido, a cada crítica lançada no jornal Martí trazia uma resposta, recuperando elementos históricos e desautorizando as assertivas do *Manufacturer*.

O escritor, ao finalizar sua defesa de Cuba lançava uma crítica aos Estados Unidos, assinalando que os cubanos, por uma “confiança infantil” na ajuda do poderoso vizinho, supunham que este não haveria de deixá-los morrer pela liberdade sem socorrê-los. Estavam errados, os Estados Unidos nada fizeram desde o início da guerra.

Martí lamentava o desejo de alguns de seus compatriotas de se associarem aos Estados Unidos e evidenciava o temor de que, depois de tantas guerras e de tantas vidas perdidas, quando finalmente conseguissem a liberdade definitiva da Espanha, caíssem sob o domínio norte-americano.

Além de denunciar os perigos que poderiam sobrevir para Cuba e as repúblicas americanas, caso a política pan-americana fosse estabelecida, Martí também se empenhou em valorizar a identidade latino-americana, chamando a atenção para “Nuestra América”, numa época em que parte da intelectualidade do continente direcionava os olhares para a América do Norte e muitos defendiam a adoção do seu modelo de desenvolvimento. A admiração que alguns intelectuais alimentavam em relação ao “colosso do norte” se potencializou ainda mais após a derrota da Espanha no processo de independência cubana e porto-riquenha.

Nesse contexto, no artigo *Nuestra América*, publicado em 1891, Martí fez um verdadeiro manifesto em defesa da América Latina, destacando a importância em se considerar as especificidades de cada país, para que assim fosse possível alcançar o desenvolvimento. Condenava aos que associavam o atraso do

¹⁸ *Idem*.

continente à conformação da população – miscigenada – e aos que defendiam a aplicação de modelos e políticas externas para a América Latina desconsiderando a particularidade de cada lugar. Em seu discurso utilizou uma variada gama de metáforas para evidenciar a situação que o continente atravessava e as possibilidades de transformação. Nesse intuito, o autor assinalava que em relação à política na América era imperativo o conhecimento do que seria governado, por meio da inserção na própria cultura.

Dessa forma, conforme demonstrado em *Nuestra América*, os manuais que ensinavam a política de países europeus ou dos Estados Unidos não eram capazes de elucidar a realidade latino-americana. Era necessário, por conseguinte, direcionar um olhar mais atento para o continente, para que assim fosse possível elaborar soluções para as questões do mesmo.

Apesar da situação dramática da América Latina, e mais especificamente de Cuba, Martí trazia uma mensagem otimista. Para ele, a América estava se salvando do que considerava ser seus grandes erros: “la soberbia de las ciudades capitales, del triunfo ciego de los campesinos desdeñados, de la importación excesiva de las ideas y fórmulas ajenas, del desdén inicuo e impolítico de la raza aborígen”.¹⁹ Os países latino-americanos saíam da situação difícil que se encontravam devido à moderação que se estava imperando e da influência da leitura crítica que ocorria na Europa e que havia penetrado na geração anterior.²⁰

Utilizando uma linguagem acessível, tendo em conta que escrevia para jornais, Martí apregoava uma mudança de postura em relação à *nuestra América*. E depositava esperanças na juventude do continente, que seria responsável pela transformação. “Criar”, segundo o autor, era a palavra de ordem naquele momento.

Assim, por meio de discursos otimistas, mas que alertavam para os perigos que cercavam o continente, Martí procurou transformar a América. Apontou problemas e não se deixou levar pelo que comumente era aceito na época – isto é, a ideia de que o atraso da América Latina decorria da conformação de seu povo –, questionando, além disso, a própria teoria da “superioridade de raças” e propondo soluções concretas para o desenvolvimento do continente.

¹⁹ *Ibid.* p. 133.

²⁰ *Ibid.* p. 134.

1.2. Rodó e a *Revista Nacional*

José Enrique Camilo Rodó nasceu em Montevideu e, diferentemente de Martí, procedia de uma família abastada. Cresceu em ambiente cultural profícuo. Seu pai, Don José Rodó Janer, um espanhol que vivia há muitos anos no Uruguai, cultivou estreita amizade com notáveis escritores locais, como: Francisco Acuña de Figueroa (1791-1862), Manuel Herrera y Obes (1806-1890) e Andrés Lamas (1817-1891). Em 1838 havia colaborado com intelectuais argentinos exilados como: Florencio Varela (1807-1848), Miguel Cané (1812-1863) e Juan Baustista Alberdi (1810-1884).

Rodó estudou no renomado colégio laico Elbio Fernández, mas a partir de 1893, devido a uma crise econômica, teve que seguir seus estudos numa escola pública. Em 1895 começou a colaborar na imprensa, o que garantiria seu sustento e permitiria a divulgação de suas ideias. “La Prensa” foi um dos primeiros poemas publicados em *El Montevideo Noticioso*, no qual assinalava a degradação do jornalismo rio-platense.²¹

Neste mesmo ano, fundou com os amigos Victor Pérez Petit e os irmãos Daniel e Carlos Martínez Vigil a *Revista Nacional de Literatura e Ciencias Sociales* (RNLCS). Pretendiam, segundo eles, “revitalizar” a vida cultural da nova geração de intelectuais uruguaios, para sacudir o marasmo “en que se encontraban las fuerzas vivas de la intelectualidad uruguaya”.²² Tal revista promoveu a primeira recepção do modernismo literário no Uruguai, publicando textos de Bartolomé Mitre (1821-1906), Ricardo Palma (1833-1919), Rubén Darío (1867-1916), Leopoldo Lugones (1874-1938), José Santos Chocano (1875-1934) e outros, bem como deu início à atividade crítica sobre o movimento.

A *Revista Nacional* publicava textos de figuras de prestígio e de jovens que se iniciavam no trabalho intelectual; além da literatura, recebia contribuições de variadas áreas.²³ Nessa época, Rodó escreveu o artigo “La Crítica de Clarín”, e Leopoldo Alas (1852-1901), ao agradecer-lhe, deu início à sua correspondência e estreita amizade com o intelectual uruaio.

²¹ Mario BENEDETTI. *Genio y figura de José Enrique Rodó*. Espanha: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Site consultado 25 de agosto de 2010.

²² Juan E. Pivel DEVOTO. *História de la República Oriental del Uruguay (1830-1930)*. Montevideo: Raul Artagaveytia Canelones, 1945. p. 527.

²³ Tais como Medicina legal, Direito Constitucional, Direito Internacional, Economia Política e Geografia Humana.

De acordo com Belém Castro Morales, vários trabalhos de Rodó, publicados na *Revista Nacional*, demonstram a primeira fase de seu americanismo.²⁴ Rodó releu a tradição rio-platense para estabelecer seus traços característicos e originais seguindo o exemplo do romântico argentino Juan María Gutiérrez. Também representou seu americanismo literário no texto “Por la unidad de América” (1896), uma carta aberta à Manuel Ugarte, na qual corroborava o selo de “internacionalidad americana” da *Revista Literária*, surgida na Argentina para fomentar a união e o melhor conhecimento entre as “nações irmãs”. Em 1896, com a publicação do artigo “El que vendrá”, Rodó ganhou maior notoriedade.²⁵

A *Revista Nacional*, apesar de possuir ressonância internacional, acabou endividada e saiu de circulação em junho de 1897. Entretanto, deixou como legado o fato de ter iniciado uma série de efêmeras publicações literárias do modernismo uruguaio, o que incentivou, pouco depois, a criação de outras revistas nessa mesma linha.²⁶

Após o fim da *Revista Nacional*, Rodó escreveu em 1897 vários textos literários cuja coleção, denominada *La Vida Nueva*, trouxe a luz os ensaios “El que Vendrá”, “La Novela Nueva” e “Rubén Darío”. Em 1898, Rodó foi nomeado catedrático interino de Literatura, cargo que ocupou até 1901. Também naquele ano a Espanha perdera a guerra de independência cubana, e deu-se a intervenção dos Estados Unidos. Tal fato provocou em Rodó profunda indignação.

Em 1900, publicou o famoso ensaio *Ariel*, cujas repercussões foram imediatas. No ano seguinte, foi nomeado, no governo de Juan Lindolfo Cuestas (1837-1905), diretor interino da Biblioteca Nacional e retornou à atividade política participando de um projeto de reorganização do Partido Colorado. Entre

²⁴ Ao falarmos em americanismo compartilhamos da definição de Carlos Altamirano, que percebe o americanismo como uma empresa intelectual de estudo e erudição dedicada a indagar, valorizar e promover a originalidade da América Latina, que poderia ser buscada por meio da literatura e da história cultural. Carlos ALTAMIRANO (director). *Historia de los Intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008. p. 16.

²⁵ Belén CASTRO MORALES. *Apuntes Biobibliográfico: El mundo de José Enrique Rodó (1871-1917)*. Tenerife: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Consultado no dia 25 de agosto de 2010.

²⁶ Exemplos dessas outras revistas foram: *La Revista* dirigida por Julio Herrera y Reissig (1899-1900); *La Revista de Salto* (1899-1900) de Horácio Quiroga; *Vida Moderna* (1900-1903) de R.A. Palomeque e Raúl Montero Bustamente, e *El Almanaque Artístico Del Siglo XX*, que publicou em 1900 e 1903 textos de Rodó, Herrera y Reissig, Horácio Quiroga e outros modernistas.

1901 e 1902 Rodó se aproximou do grupo de José Batlle y Ordoñez²⁷ e colaborou no diário *El Día*, dirigido por Batlle. Em 1902 foi eleito deputado, em cujo posto permaneceria até 1905.

A partir daí Rodó renunciou à Cátedra de Literatura para se dedicar plenamente à vida política. Em 1908 foi eleito deputado novamente, e participou de atos vinculados aos congressos internacionais de estudantes americanos. Em 1911, Rodó iniciou o seu terceiro mandato como deputado, que se estendeu até 1914. Retornou ao jornalismo, incorporando-se à redação do *Diário del Plata*, onde escreveu usando o seu nome e também sob o pseudônimo de *Calibán*.²⁸

A partir de 1912 começou a trabalhar como correspondente estrangeiro pela Academia Espanhola e no ano seguinte publicou *El mirador de Próspero*. Nessa época Rodó já era muito conhecido, não só no Uruguai como dentro e fora da América. Em 1916, finalmente conseguiu viajar à Europa, após ser convidado pela Revista bonaerense *Caras y Caretas* para ser seu correspondente. Antes de seguir viagem, Rodó recebeu uma série de homenagens no Uruguai, sobretudo da “juventude uruguaia”. Visitou alguns lugares da Europa, mas depois de um tempo na Itália, já com a saúde bastante comprometida, morreu no dia 1º de maio de 1917, aos 45 anos de idade, em Palermo. A notícia de sua morte chegou a Montevideu dois dias depois, causando grande comoção. Em 1920, seus restos mortais foram repatriados.

1.2.1. A modernização do Uruguai na virada do oitocentos

Desde a sua independência em 1828 o Uruguai passou por um longo período de instabilidade política – vários golpes de Estado promovidos por caudilhos e militares; e longas guerras, como a Guerra Grande (1839-1851); intervenções europeias; além de guerras civis, que se prolongaram na segunda metade do século XIX. Somente entre os anos de 1890 a 1897 é que o país vivenciaria um período mais estável de governo civil e liberdade política.

²⁷ José Batlle y Ordoñez (1856-1929) foi presidente do Uruguai pela primeira vez entre os anos de 1903-1907, pelo Partido Colorado e eleito novamente, governou entre os anos de 1911-1915. Neste seu segundo mandato implementou várias reformas, de maneira que foi decretado o fim da pena de morte, permitido o divórcio, garantidos os direitos dos filhos ilegítimos, adotada uma legislação social avançada para a época, principalmente no que concerne às condições de trabalho, além de procurar a laicização do Estado.

²⁸ Além de colaborar com outros jornais: *El Siglo*, *La Razón*, *El Telégrafo* e *Patria*.

Todavia, viu-se novamente abalado por um golpe, e uma nova guerra civil que somente terminaria em 1904, com a morte do caudilho Aparício Saravia.²⁹

O Uruguai nos últimos trinta anos do século XIX também iniciou um acelerado processo de modernização.³⁰ Vários fatores contribuíram para isso. Nessa época, a América Latina, mais especificamente a região do Prata, passava por um intenso processo de imigração. Desde 1870 esse país iniciava uma nova fase de sua história, em decorrência da expansão do mercado europeu, fortaleceu-se a produção agropecuária, abrangendo carnes, cereais e lã. Mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais, logo se fizeram sentir. O Uruguai também contou com forte investimento da Inglaterra, empréstimos ao Estado, construção de estradas de ferro e instalação de serviços de água e gás.³¹

Naquele momento, o pequeno país também enfrentava, no plano das ideias, o conhecido conflito entre tradição e modernidade. Em um período que o mundo urbano ganhava contornos mais nítidos e complexos, tornou-se lugar comum o confronto entre a mentalidade *criolla*, de raízes essencialmente agrárias, e o que poderíamos chamar de “consciência cosmopolita emergente”.³² Segundo Antonio Mitre, nessa ocasião:

(...) [era] significativo o surgimento, nos grandes centros urbanos, de uma variada gama de mitologias geradoras de símbolos culturais destinados a atuar como focos de identidade coletiva. Um caracteriza[va]m-se pelo apelo aos valores da tradição, e outras por promover a quimera de um novo começo.³³

²⁹ Em 1837 surgiram no Uruguai dois grandes partidos que permaneceram no cenário político por muito tempo: os *blancos* e os *colorados*. Os primeiros estavam ligados ao caudilho Manuel Oribe (1792-1857), e os colorados ao Frutuoso Rivera (1784-1854). Suas disputas culminaram em diversos conflitos internos, além da intervenção do governo argentino, que manteve Montevideú sob estado de sítio entre os anos de 1843 a 1851. A falta de estabilidade no país, oriunda das disputas entre *blancos* e *colorados*, levou ao estabelecimento de regimes autoritários (sob a liderança dos colorados) que foram capazes de assegurar o poder central e dominar os caudilhos rurais. O exclusivismo *colorado* e as manipulações eleitorais geraram insatisfação e conflitos com os *blancos*. Com a morte do líder *blanco* Aparício Saravia, tiveram fim os conflitos. Juan A. ODDONE. “A Formação do Uruguai Moderno, 1870-1930”. In: Leslie BETHELL (org.). *História da América Latina de 1870 a 1930* (volume V). Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. pp. 612 a 616, *passim*. Ver também: Ana FREGA. “La virtud y el poder. La soberanía particular de los pueblos en el proyecto artiguista”. In: Noemí GOLDMAN e Ricardo SALVATORE (compiladores). *Caudilhismos Rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

³⁰ Angel RAMA. “A Cidade Modernizada”. In: Angel RAMA. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 76.

³¹ Juan A. ODDONE. *Op. cit.* p. 616.

³² Antônio F. MITRE. *O Dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 110.

³³ *Ibid.* *Loc. cit.*

Nesta direção, a elite *criolla*³⁴ com o intuito de salvaguardar sua posição de privilégio – considerada ameaçada pela vinda de imigrantes europeus para o Prata em fins do século XIX – construiu uma espécie de nacionalismo oligárquico, que funcionou como organismo de integração e controle social, por meio do fortalecimento e da transmissão de seus próprios valores. Para isso, recorreu ao passado como estratégia para legitimar seu discurso, também visando a construção de um “ser nacional”. De acordo com Mitre, o recurso à história cumpria a importante função de validar o que estava sendo criado pela elite *criolla*. De certa forma, deu-se a construção de laços identitários entre aquela população que vivia no Uruguai antes da chegada dos imigrantes europeus.³⁵

Em sentido oposto ao da elite *criolla*, os imigrantes se empenharam na criação de suas mitologias que, a partir de imagens da própria cidade cosmopolita que os acolhia, construíram um discurso que almejava a edificação de símbolos notavelmente supranacionais. Estes vinham carregados de significados para as mais distintas tradições, de modo a integrar, ou pelo menos não excluir os novos grupos urbanos. A fim de que a cidade pudesse ser adequada a todos, não deveria existir, portanto, apenas a sua identificação com o passado.³⁶

Nessa perspectiva, Mitre interpreta Rodó como o grande mediador político e intelectual que, por um lado, aceitou as mudanças no sistema social e político de maneira a adaptá-las às novas condições, e por outro, buscou conservar a herança do passado como sede da identidade nacional, equilibrando assim as duas forças em conflito, a tradição e a modernidade. O escritor uruguaio reconhecia os benefícios do afluxo migratório nas sociedades modernas que contribuiu para a “formação de fortes elementos dirigentes”.³⁷ E, ao mesmo tempo, perfilhava a importância de se equilibrar o cosmopolitismo de maneira que o passado não fosse totalmente abandonado, uma vez que estes dois elementos constituiriam o que considerava que se tornaria “o americano definitivo do futuro”.³⁸

1.2.2. “Ariel, gênio do ar...”

³⁴ Descendentes de espanhóis nascidos na América.

³⁵ Antônio F. MITRE. *Op. cit.* p. 111.

³⁶ *Ibid. Loc.cit.*

³⁷ José Enrique RODÓ. *Ariel*. Tradução: Denise Bottman. – Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1991. (Coleção Repertórios), p. 54.

³⁸ Antonio F. MITRE. *Op.cit.* p. 112.

Foi nesse contexto também, que surgiu *Ariel*, ensaio publicado em 1900, em Montevideu, por Rodó. O seu título é oriundo da personagem de *A Tempestade* (1613), de William Shakespeare (1564-1616). Na obra do dramaturgo inglês, *Ariel*³⁹ era o servo fiel de Próspero, o mago que havia se apossado da ilha na qual viviam. Esse servo, ao ser libertado por Próspero não se revoltou. Ao contrário, sentiu-se agradecido ao mestre e procurou incorporar tudo o que havia aprendido com ele. O antagonista de *Ariel* aparecia na figura de Caliban, o ser disforme que havia se rebelado contra seu amo. Este outro alimentou um sentimento de vingança em relação a Próspero, a quem considerava usurpador da ilha de seus antepassados.⁴⁰

Uma discussão em torno dessa peça aponta para a intenção de Shakespeare em fazer, com *A Tempestade*, por meio de seus personagens principais (Próspero, Ariel e Caliban), uma analogia das relações conflituosas de dominação e violência, de fascinação e ódio, que o encontro entre o Velho Mundo e o Novo Mundo teria provocado.⁴¹ Essa discussão passou por algumas mudanças, de modo que podemos perceber outros sentidos que os personagens de *A Tempestade* assumiriam ao longo do tempo, refletindo assim os conflitos daqueles que em diferentes épocas buscavam interpretá-la.⁴²

Assim, ao longo do século XIX, surgiram obras que, através das metáforas shakespearianas, procuraram expressar o momento que vivenciavam. Ernest Rénan,⁴³ em 1878, publicou *Caliban: Suite de la Tempête*. Nesta interpretação do filósofo francês, havia uma reflexão sobre a situação da França de então. Rénan preocupava-se com a emergência das massas na arena pública, e acusava a democracia de conduzir ao utilitarismo. Rodó foi um profundo admirador de

³⁹ Ariel na comédia de Shakespeare é um “espírito do ar”.

⁴⁰ Antônio F. MITRE. *Op. cit.* p. 106.

⁴¹ Roberto Fernández RETAMAR. *Calibán, apuntes sobre la cultura de nuestra América*. México: Editorial Diógenes, 1974. p. 28.

⁴² Um exemplo das mudanças ocorridas no que se refere à representação das personagens de *A Tempestade* aparece nas obras de Ernest Rénan (1823-1892), na qual Próspero representa a cultura aristocrática que será derrubada pelas massas ao ascenderem ao poder, sendo essas representadas por Caliban. Essa obra revela o medo do autor de que, com o sistema democrático, “Ariel”, o espírito, se desvaneça. Em Fernández Retamar (1930) Próspero seria a Europa, Caliban a América Latina que quer tornar-se independente, e Ariel seria o colono que se fez imagem e semelhança do seu colonizador. Essas analogias aparecem nas obras: Ernest RÉNAN. *Caliban, suite de La tempête, Drame philosophique*, Paris, 1878, e Roberto Fernández RETAMAR. *Op. Cit.*

⁴³ Joseph Ernest Rénan, escritor, filósofo e historiador francês.

Rénan, conforme fica evidenciado no próprio *Ariel*, mas isto não significava que partilhava de todas as considerações do filósofo francês.

Em determinados momentos, demonstrou posições muito distintas das dele. Por exemplo, ao discorrer sobre a democracia, Rodó se aproxima mais significativamente do escritor liberal Esteban Echeverría (1805-1851), que na obra *El Dogma Socialista* (1846) apresentava uma análise na qual refletia sobre esse conceito e o elucidava com argumentos filosóficos, defendendo a exclusão dos setores populares do exercício legal da política.⁴⁴ Assim é possível observarmos, guardadas as devidas proporções, uma concepção de democracia do escritor uruguaio que o aproxima à posição que Echeverría defendia há mais de 50 anos atrás.

Outra possível influência que podemos encontrar no pensamento de Rodó, embora pouco mencionada, é a de Paul-François Groussac (1848-1929), o franco-argentino que viajara a Chicago como correspondente do *La Nación* e de lá escreveu uma série de textos. Recolhidos posteriormente na obra intitulada *Del Plata al Niágara*, esses trabalhos ressaltavam as diferenças entre os Estados Unidos e a América Latina. É provável que, de certa forma, Rodó tenha se inspirado neste autor para implantar a dicotomia que o seu ensaio estabeleceu entre Calibán e Ariel.

Essa ponderação justifica-se pelo fato de que no dia 2 de maio de 1898, por ocasião da intervenção dos Estados Unidos na guerra de independência cubana, Paul Groussac discursara aos argentinos e espanhóis contrários a tal intervenção, chamando os Estados Unidos de “calibalescos”. Esse discurso foi publicado em um jornal argentino e, segundo Monegal, é muito plausível que Rodó o tenha lido.⁴⁵

Assim, observamos que diferentes escritores podem ter inspirado Rodó, mas o intelectual uruguaio, ele próprio também se utilizando dos personagens de Shakespeare, atribuiu-lhes novos sentidos. Próspero representa em sua obra a velha Europa; Caliban representa os Estados Unidos, que rompem com o seu passado e procuram criar sua própria cultura; e, Ariel seria a América Latina, que

⁴⁴ Maria Ligia Coelho PRADO. *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 83.

⁴⁵ Emir Rodríguez MONEGAL. “Ariel versus Calibán: Latinismo versus sajonismo”. In: *Simposio. La latinidad y su sentido en América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986. p. 225-226.

simboliza a bondade, a leveza, a espiritualidade, aquele que se fez a imagem e semelhança do colonizador. O escritor uruguaio ao atribuir novos significados aos antigos personagens procurou valorizar, sobretudo a cultura ibérica, e, indubitavelmente, repensar a tradição cultural latino-americana. Respondeu, dessa forma, ao debate que vigorava à época, cuja discussão fundamental dizia respeito à superioridade ou inferioridade de uma suposta “raça” anglo-saxônica frente a uma igualmente suposta “raça” latina.

Trataremos a seguir das discussões que perpassaram o final do século XIX e início do XX e foram fonte de inspiração para esses numerosos trabalhos, guardando a sua relação com a produção intelectual de Martí e Rodó.

1.3. Debates intelectuais

Em fins do século XIX e início do seguinte proliferaram intensos debates intelectuais, muitas vezes oriundos de discussões de séculos anteriores e inspirados em grande parte nas teorias científicas do século XVIII. Determinados avanços científicos no século XIX haviam permitido que temas envolvendo a disputa de “raças” ganhassem amplo espaço nas esferas política e intelectual, tanto na Europa quanto na América.

Entre os vários debates que perpassaram esse período, destaca-se a contenda entre os defensores da “raça latina” e os da “raça anglo-saxônica”, de influência significativa na produção de vários intelectuais da época, tanto europeus quanto americanos. Para citar alguns nomes, lembremos de Ludwig Gumplowicz, Edmond Demolins, León Bazalgette, Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi e Victor Arreguine, entre outros.

Outras questões, impostas ao contexto latino-americano nessa época, contribuíram para reforçar tais posições, como por exemplo, a guerra hispano-americana que foi capaz de promover ao mesmo tempo duas atitudes paradoxais. Se por um lado encorajavam as proposições de que os Estados Unidos eram os representantes da raça anglo-saxônica na América e modelo a ser seguido, por outro, abriam espaço para o fortalecimento de uma corrente que partia em defesa da latinidade/*hispanidad*, e convertia a Espanha em herdeira direta da cultura latina.

Assim, os efeitos da Guerra hispano-americana no continente foram ambivalentes. Não apenas transformaram, com a derrota espanhola, Cuba e Porto Rico em possessões norte-americanas, mas também fortaleceram os laços entre a intelectualidade latino-americana e a espanhola. Conforme Eduardo Devés assinalou, tal circunstância levou à constituição de uma “rede de solidariedade”⁴⁶ que permitiu um fecundo diálogo entre os dois lados do Atlântico, logo depois da guerra, e que também abriria espaço para a construção da *hispanidad*, isto é, de uma comunidade espiritual imaginada entre a Espanha e a América Hispânica. Mas isso será analisado de forma mais detida no terceiro capítulo.

Para Susana Zanetti além dessa retomada das relações entre a intelectualidade decorrente do resultado da guerra de independência cubana, outro fator significativo pode ter colaborado para tal aproximação nesse período: o papel que a modernidade desempenhou na criação de espaços propícios ao diálogo, levando ao que denominou de “relição” no continente.⁴⁷

De acordo com a autora, a modernidade na qual muitos países latino-americanos ingressaram a partir de 1870 trouxe, junto com o avanço tecnológico, mudanças na vida social, econômica e política. Entre estas, ela cita a transformação da imprensa e o surgimento de vários diários nos países hispano-americanos que contavam com a colaboração de inúmeros escritores latino-americanos. Menciona também as frequentes viagens dos escritores (dentro e fora da América, tanto por motivo de trabalho ou exílio) e o modernismo, movimento literário surgido na América Hispânica em fins do século XIX. Todas essas transformações, segundo Zanetti contribuíram para um profícuo intercâmbio dos escritores e para a divulgação de suas produções nesse período. Abordaremos mais detidamente esse tema no próximo capítulo.

1.3.1. “Raça latina” versus “raça anglo-saxônica”

Conforme mencionado anteriormente o debate travado entre os defensores da “raça latina” e os da “raça anglo-saxônica”, na virada do século XIX para o

⁴⁶ Eduardo DEVÉS. “El pensamiento latino-americano entre la última orilla del siglo XIX y la primera del siglo XXI”. In: Leopoldo ZEA e Adalberto SANTANA (compiladores). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001. p. 33.

⁴⁷ Susana ZANETTI. “Modernidad y reliación: una perspectiva continental (1880-1916)”. In: Ana PIZARRO (org.). *América Latina: Palabra, Literatura e Cultura*. Vol.2 – Emancipação do discurso: São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1994. p. 491.

XX, teve uma influência significativa na produção de vários intelectuais da época. Naquele momento de crise pela qual passavam alguns países da Europa, em meio à luta pela emancipação do Caribe e ao receio da política expansionista norte-americana, intensificaram-se as conjeturas acerca da superioridade ou inferioridade dos povos latinos frente aos anglo-saxões.

Já há muito se vinha refletindo acerca da diferenciação entre a “raça latina” e a “raça anglo-saxônica”. Michel Chevalier,⁴⁸ em 1836, publicou seu livro de crônicas, no qual constava uma introdução que se configurou, conforme sublinhou Arturo Ardao, um “verdadeiro ensaio de filosofia da história”.⁴⁹ Com essa obra as velhas noções étnico-culturais removidas pelo historicismo romântico, receberam uma integração orgânica dentro de conceitos que desde então circulariam com abundância nos planos filosóficos, científicos, ideológicos e políticos.

Na introdução, Chevalier destacou que os dois elementos, o latino e o germano foram reproduzidos no continente americano, de modo que a América do Sul se assemelharia à Europa Meridional, de origem latina e voltada para o catolicismo. Já a América do Norte pertenceria a uma população anglo-saxônica e protestante.⁵⁰ O economista francês, ao distinguir as duas Américas, referia-se ao que chamou de competição entre duas “raças” antagônicas que tiveram suas origens na civilização ocidental.⁵¹

Depois, em meados do século XIX, o pensamento racial apropriou-se de um novo desenvolvimento técnico que traria novas consequências ideológicas: a medição do índice cefálico, para examinar as diferenças entre as populações europeias – vistas até então como um conjunto unitário. Isso veio aliado ao

⁴⁸ Michel Chevalier (1806-1879) foi conselheiro e ministro de finanças de Napoleão III (1852-1870). A França em reação ao início da hegemonia estadunidense no território americano, temendo a formação de um império, além de seus interesses econômicos (a execução de um canal transatlântico) sai em defesa da latinidade. A França reclama para si a responsabilidade pelo destino do grupo latino. Patrícia FUNES. “Del Mundus Novus al Novomundismo: algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina”. IN: *América Latina Contemporânea: Desafios e Perspectivas*. Anita NOVINSKY, Ilana BLAJ, José Carlos Sebe Bom MEIHY e Zilda M. Gricoli IOKOI (orgs.). São Paulo: Edusp, 1996, p. 82. E Mónica QUIJADA. “Sobre el origen y difusión del nombre ‘América Latina’ (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad)”. In: *Revista de Indias*, vol. LVIII. Num. 214, 1998, p. 599.

⁴⁹ Arturo ARDAO. “Panamericanismo y Latinoamericanismo”. In: ZEA, Leopoldo (org). *América Latina en sus ideas*. México, Siglo XXI/UNESCO, 1986, p. 160. Ver também Arturo ARDAO. “El verdadero origen del nombre de América Latina”. In: Leopoldo ZEA (org). *Simposio La Latinidad y su sentido en América Latina*. México: Universidad Autónoma de México, 1996, pp. 259-271.

⁵⁰ *Ibid.* p. 160-161.

⁵¹ Mónica QUIJADA. *Op. cit.* p. 599.

movimento romântico – que destacava a superioridade das instituições anglo-saxônicas em relação às de outras partes da Europa – e, de acordo com Mónica Quijada, acabou contribuindo para que tanto a história europeia como as suas tensões políticas fossem aos poucos sendo identificadas como decorrentes das lutas entre diferentes “raças” europeias.⁵² Essa situação se refletia de forma geral no pensamento europeu ocidental⁵³ e encontrou terreno fértil nos países que passavam por crises decorrentes de políticas desastrosas.⁵⁴

Em 1883, a partir da publicação da obra *La Lucha de Razas*, do austríaco Ludwig Gumplowicz (1838-1909), a “raça” passou a ser tomada como categoria explicativa primordial de todos os processos humanos. Dessa forma, o destino da humanidade foi percebido como sendo conduzido por um constante combate entre as raças, e o seu resultado era sempre imutável: o elemento étnico mais poderoso preponderava e a partir disso impunha o seu domínio sobre as demais.⁵⁵

Uma década depois, Gustave Le Bon (1841-1931) publicou a obra *Leis psicológicas da evolução dos povos* (1894), que exerceu uma grande influência no pensamento europeu e latino-americano. Neste livro o escritor francês defendia que os caracteres psicológicos seriam determinantes nas raças e, portanto, a história de um povo e sua civilização derivaria desses critérios.⁵⁶

Diversas obras publicadas no período, dialogando com essas ideias, procuraram assinalar a superioridade anglo-saxônica frente aos latinos. Em *À quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons?* (1897), por exemplo, o francês Edmond Demolins (1852-1907) afirmou a inferioridade e decadência da “raça latina” e mestiça, em contraposição ao desenvolvimento material dos anglo-saxões. Para Demolins, os anglo-saxões eram superiores aos latinos porque eram mais individualistas e se dedicavam menos aos cargos do Estado.

Seguindo uma abordagem próxima a de Demolins, o francês León Bazalgette (1873-1928) publicou em 1903 *Le problème de l'avenir latin*, no qual

⁵² Mónica QUIJADA. “Latinos y Anglosajones: El 98 en el fin de siglo sudamericano”. In: *Hispania*. Vol. LVII 2, nº196, 1997. p. 597.

⁵³ Fernando Sánchez MARROYO. “1898: guerra colonial, crisis nacional y tensiones sociales”. In: Leopoldo ZEA y Mario MAGALLÓN (compiladores). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000. p. 133.

⁵⁴ Era o caso da França, que após a derrota na guerra franco-prussiana (1870-1871), e a consequente perda dos territórios de Alsácia e Lorena, mergulhou em uma grave crise nacional.

⁵⁵ Mónica QUIJADA. *Op. cit.* p. 599.

⁵⁶ Gustave LE BON. *Leis psicológicas da evolução dos povos*. Lisboa: Edição da Typografia de Francisco Luiz Gonçalves, 1910. p. 8.

fazia reflexões por um viés organicista e procurava demonstrar a necessidade de se regenerar a essência latina. Esta teria sido, segundo ele, corrompida pela mistura de “raças” e impedida de alcançar a modernização. Para o autor, a situação na qual os povos latinos se encontravam só poderia ser resolvida a partir de um drástico processo de deslatinização.⁵⁷

Bazalgette atribuía aos latinos uma série de características como: inatividade, misticismo, sentimentalismo, brutalidade e efeminação; além de considerá-los incapazes de adaptar-se ao regime democrático e de se manterem vinculados ao catolicismo. De maneira inversa, os nórdicos eram caracterizados pelo escritor como possuindo uma notória supremacia biológica, uma conformação robusta, como empreendedores, científicos e inteligentes.⁵⁸

Na América, também encontramos algumas obras importantes produzidas nessa direção que utilizaram categorias raciais para explicar os fracassos de seus países frente aos países europeus e aos Estados Unidos, e fazer previsões sobre o futuro. Desde a segunda metade do século XIX, o desenvolvimento dos Estados Unidos, tornara-os uma crescente potência. Intelectuais latino-americanos, como Alberdi e Sarmiento, se entusiasmaram com tais desenvolvimentos, e estimularam a adoção do modelo estadunidense em seu país para que os argentinos pudessem ingressar na modernidade.

Compete lembrar que na época o cenário interno dos países latino-americanos não era muito animador. Disputas caudilhistas promoviam um estado de guerras civis em vários países da América do Sul – principalmente na região rio-platense – criando instabilidade política, além de problemas econômicos e sociais e dificultando a educação. Tal situação muitas vezes foi associada por uma parte da intelectualidade do continente à influência moral e cultural recebida durante séculos das nações ibéricas, vistas como atrasadas e decadentes.

O publicista argentino Alberdi, defendia um aprofundamento da república, assumida após os processos de independência, mas sem ter se tornado uma verdade prática em todo o território. Além do mais, considerava que o povo não se encontrava preparado para vivenciar tal sistema. A situação em que as ex-colônias se encontravam, segundo Alberdi, tendia à anarquia. A solução, do impasse

⁵⁷ Hugo BIAGINI. “Finales de siglo: contexto ideológico”. In: Leopoldo ZEA e Adalberto SANTANA (compiladores). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001. p. 15.

⁵⁸ *Ibid. Loc cit.*

consistiria na realização de reformas institucionais e na adoção de políticas de estado que favorecessem a emergência dos “interesses materiais”, já que a herança ibérica era vista como responsável pelo ainda predomínio no continente das ciências morais e filosóficas em prejuízo das ciências exatas.⁵⁹

Sarmiento foi um dos mais exaltados na defesa do modelo estadunidense em fins do século XIX. Quando presidente da Argentina (1868-1874) procurou implementar o modelo norte-americano, incentivando o desenvolvimento da educação primária laica, aceitando a “conquista do deserto” e o extermínio da população indígena.

Para Sarmiento os países da América do Sul seriam oriundos de uma “raça” que se encontraria “na última linha entre os povos civilizados”.⁶⁰ As ex-metrópoles ibéricas e os seus descendentes apareceriam no cenário do mundo moderno privados de todos os benefícios dos novos tempos. De acordo com o autor, eles não possuíam os mesmos meios de ação, por desconhecerem as ciências naturais ou físicas, que nos países europeus foram capazes de criar uma poderosa indústria que fornecia ocupação aos indivíduos da sociedade.

O escritor argentino ainda ressaltou a absorção dos indígenas, ou seja, a miscigenação como tendo sido a pior herança recebida pela Espanha e por Portugal. Tal herança, de acordo com Sarmiento, teria feito prevalecer na América Ibérica aquelas “raças” incapazes de serem civilizadas. Já na América do Norte, conforme sustentou na obra *Conflicto y Armonía de las Razas* (1883), a colonização inglesa não admitira a incorporação indígena. Desse modo, quando aquelas colônias se tornaram independentes, as “raças europeias puras” que preservaram suas tradições de civilização cristã, teriam permanecido intocadas.⁶¹

As discussões envolvendo as “raças” na virada do século XIX para o XX ainda permaneceram no cenário político e intelectual latino-americano e europeu. Novas questões contribuíram para isso, como a derrota da Espanha na guerra de independência cubana para os Estados Unidos, que potencializou as proposições acerca da superioridade dos anglo-saxões. Com efeito, se intensificaram entre os intelectuais latino-americanos, que atribuíam o atraso de seus países à herança cultural ibérica, as propostas de adoção do modelo norte-americano de

⁵⁹ Luiz Werneck VIANNA. “Americanistas e iberistas: a polêmica com Tavares Bastos”. IN: *Dados: Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 34, nº2, 199. p. 150.

⁶⁰ *Ibid.* p. 153.

⁶¹ Maria Ligia Coelho PRADO. *Op. Cit.* p. 176.

desenvolvimento político, econômico, social e cultural.⁶² Dessa forma, deve-se salientar que se por um lado o resultado da guerra hispano-americana fortaleceu a aproximação entre os intelectuais e logo, uma percepção dos Estados Unidos como ameaça, por outro estimulou o interesse pela potência do norte.

Assim, conforme afirma Mónica Quijada, a guerra hispano-americana acentuou ainda mais a polaridade entre latinos e anglo-saxões, o que revelou uma grande capacidade convocatória. Um exemplo concreto disso pode ser observado na “defesa da latinidade”, que ocorreu por meio de atos públicos e mesmo levantamentos populares na América do Sul. O centro das discussões não girava em torno do direito de independência cubana, mas sim a oposição Espanha/Estados Unidos, latinos/anglo-saxões.⁶³

No dia 2 de maio de 1898, ocorreu um ato no Teatro Victoria de Buenos Aires, que tinha em vista tanto repudiar a intervenção estadunidense na guerra, quanto levantar fundos de ajuda à Espanha. Esse ato iniciou com o hino nacional argentino, foi seguido pela Marselhesa, as Marchas Reais da Itália e da Espanha, o prelúdio de “La Dolores” e a Marcha de Cádiz. Roque Sáenz Peña e o escritor franco-argentino Paul Groussac se pronunciaram e escreveram versos que foram lidos pelo Cônsul italiano, intitulado “Per la Spagna, canzone di guerra” proclamando a Espanha como herdeira da grandeza de Roma.⁶⁴ O jornal colombiano *El Vigía*, nesse período, afirmara em apoio à Espanha que:

“el hecho de que la barbarie, la corrupción y la anarquía se hayan colocado del lado de España, no nos impide rendir homenaje a la heroica nación y desear su victoria. Que Cuba sea libre, pero que España nunca perezca”.⁶⁵

No âmbito desses debates, as teorias sobre a inferioridade e a decadência da raça latina não ficaram sem respostas. Diversos intelectuais, adeptos do latinismo, se empenharam em demonstrar o contrário do que era afirmado a respeito da raça latina, destacando suas virtudes. O uruguaio Victor Arreguine, por exemplo, publicou, em 1900, a obra *En qué consiste la superioridad de los*

⁶² Marcos Alves de SOUZA. “Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)”. Tese de doutorado, UNESP/Franca, 2006, p. 79.

⁶³ Mónica QUIJADA. *Op. cit.* p. 596.

⁶⁴ *Ibid. Loc Cit.*

⁶⁵ *El Vigía Apud Mónica QUIJADA. Ibid.* p. 602.

latinos sobre los anglosajones, na qual fazia um juízo depreciativo dos ingleses e exaltava a raça latina.

Nessa perspectiva, Arreguine descrevia os ingleses como “brutais” colonizadores, que se escondiam por detrás de uma máscara humanitária. Em sua opinião, eles também não seriam afeitos aos direitos universais, como os franceses, mas movidos pelo interesse imediato e o individualismo. Tais características foram remetidas aos Estados Unidos, vistos como uma extensão dos ingleses na América. Já a raça latina, para Arreguine, seria solidária e altruísta. Uma raça capaz de criar nações, fazer grandes descobertas e inovações tanto na arte quanto na ciência e na filosofia e ainda permitir que outros povos fossem assimilados.⁶⁶

Dentro do ramo latino abriu-se espaço para a exaltação da raça ibérica, associada à nobreza, honradez e generosidade. No intuito de valorizar a tradição ibérica, surgiram obras como o *Ariel* (1900), de Rodó, enfatizando a importância desta na formação da identidade da América Latina e fortalecendo a rede de contatos entre os intelectuais hispano-americanos e espanhóis. Conforme afirmou Mónica Quijada, se na Europa, a guerra hispano-americana fortaleceu a imagem de superioridade anglo-saxônica, na América do Sul, esse conflito inverteu o signo da polêmica, colocando o latino/ibérico no ponto positivo.⁶⁷

Assim, a polaridade criada entre as “raças” permitiu acirrados debates no cenário político e intelectual, tanto na América quanto na Europa Ocidental, em fins do século XIX e início do XX. Influenciou intelectuais em ambos os continentes que produziram obras defendendo ou rechaçando a raça latina ou a anglo-saxônica, o que contribuiu para a criação e fortalecimento de estereótipos relativos aos povos originados de uma ou outra “raça”.

1.4. Martí e Rodó: apontamentos para uma análise comparada

Apesar de viverem contextos políticos e sociais diferentes, Martí e Rodó denunciaram o perigo que a modernização acelerada, especialmente a exemplificada pelos Estados Unidos, representava às relações de poder no continente e buscaram definir a identidade americana (ou latino-americana) que

⁶⁶ Hugo BIAGINI. *Op. cit.* p. 17-18.

⁶⁷ Mónica QUIJADA. *Op. cit.* p. 602.

lhes era a mais apropriada. Para Martí o perigo se apresentava de forma bastante concreta, por meio do imperialismo que anunciava a ingerência dos Estados Unidos no continente.⁶⁸ Já para Rodó, o perigo – embora mais afastado geograficamente – se apresentava mediante a influência moral dos seus valores: o utilitarismo, a democracia de massa e o materialismo, que poderiam conduzir a sociedade de passado aristocrático ibérico à mediocridade anglo-saxã.⁶⁹

Rodó vivia em um país que recebia um intenso afluxo migratório, envolvendo povos de diferentes nações europeias, de forma semelhante ao que ocorrera nos Estados Unidos em maior escala (com o intermitente afluxo de variados povos do Velho Mundo). Assim, temia que o Uruguai se transformasse em um país como “o colosso do norte”, sem apego às tradições, e que pudesse vir a romper com o próprio passado. Talvez mais do que isso, Rodó receava a maneira como alguns intelectuais/políticos argentinos, declaradamente favoráveis à “deslatinização” da América Latina, aspiravam assemelhar-se aos Estados Unidos.

Desde a segunda metade do século XIX, os Estados Unidos já eram vistos com bastante simpatia por alguns intelectuais e políticos latino-americanos, inclusive Sarmiento, como na já citada obra *Conflicto y Armonia de las Razas en América*, que ao final conclamava seus conterrâneos abertamente para imitá-los: “*seamos Estados Unidos*”. Tal maneira de observar os Estados Unidos despertava em Rodó também o medo de que a admiração passasse à imitação,⁷⁰ fazendo com que todo o ideal desinteressado que o uruguaio associava à tradição ibérica se perdesse no afincado de buscar unicamente a realização material.

Essa admiração que muitos intelectuais alimentavam em relação aos Estados Unidos se potencializou ainda mais após a derrota da Espanha no processo de independência cubana e porto-riquenha. Antes mesmo disso, Martí

⁶⁸ Apesar dos Estados Unidos em 1848 terem se envolvido numa guerra com o México e com isso anexado boa parte do território deste, ainda não é possível falar em imperialismo e sim em expansionismo. Nessa época, os Estados Unidos – tal qual os demais jovens estados soberanos do continente – não tinham definido seus contornos territoriais, e suas fronteiras estavam ainda sendo demarcadas. Lembremos que a Guerra de Secessão ocorreu entre 1861-1865, e que foi somente após a vitória do Norte que os Estados Unidos puderam potencializar a sua industrialização e a partir disso, se empenharem em garantir a sua intervenção no continente. Para uma análise a respeito do expansionismo dos Estados Unidos no século XIX ver: Robert. A. DIVINE. “A Era do Expansionismo”. In: *América, Passado e Presente*. Rio de Janeiro: Nordica. 1992.

⁶⁹ Cabe lembrar que Rodó era admirador de escritores como Ernest Rénan e Paul Groussac, considerados conservadores.

⁷⁰ José Enrique RODÓ. *Op. cit.* p. 69-70.

denunciou a *ianquemanía* – o comportamento que fazia com que muitos cubanos se deslumbrassem com a possibilidade dos Estados Unidos anexarem Cuba ao seu território. *Nordomanía* foi o termo que Rodó utilizou para denominar essa admiração excessiva acompanhada do desejo de imitação, que poderia conduzir à descaracterização da América de tradição hispânica.

Nesse sentido, foram diferentes temores, que, no entanto, partiam do mesmo ponto em comum. Ao serem analisados poderão revelar muito sobre as formas específicas como tanto Martí quanto Rodó perceberam a presença dos Estados Unidos nas Américas. Ambos prepararam seus discursos para denunciar tal fato e estimular uma mudança de comportamento e mesmo a definição de uma nova identidade para a “Nuestra América”.

Portanto, o receio de ambos os intelectuais no que tange aos Estados Unidos não se referia às questões ligadas apenas à própria soberania de seus países – ou mesmo à da América Latina – todavia, guardava relação também com questões que envolviam a identidade cultural do continente, isto é, a “sobrevivência” do que lhes era característico.

Os dois autores, enfim, tiveram um êxito imediato à época em que publicaram suas obras. Suas considerações referentes ao anti-utilitarismo, ao idealismo, às propostas de ação para a juventude, e à oposição ao determinismo que então vigorava, surtiram efeito. Posteriormente, suas ideias continuariam a ser reutilizadas e ressignificadas, de forma que as encontramos nos dias de hoje junto a inúmeras novas interpretações dos seus antigos enunciados.⁷¹ Agora vejamos como cada autor construiu seu discurso para pensar a América Latina.

⁷¹ Ainda que no Brasil não haja tantos estudos a respeito dessas apropriações, podemos encontrar alguns estudos recentes em: Eugênio de Carvalho REZENDE. *América para a humanidade: o americanismo universalista de José Martí*. Goiânia: Editora UFG, 2003. Fábio Muruci dos SANTOS. “Os homens já se entendem em Babel: mito e história da América em Oliveira Lima, José Enrique Rodó e José Martí”. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2004. Tese de doutoramento. Marcos Alves de SOUZA. *Op. Cit.*